Para o Eric.
Espero que tenhas acordado num lugar estranho.

Nota do Autor

Esta história explora a vida e o amor, bem como a perda e a dor.

Contém discussões sobre a morte em diferentes formas — silenciosa, inesperada e morte por suicídio.

Por favor, leia com cuidado.

CAPÍTULO 1



Patricia estava a chorar.

Wallace Price odiava quando as pessoas choravam.

Lágrimas pequenas, lágrimas grandes, soluços de sacudir o corpo, não importava. As lágrimas eram inúteis e ela estava apenas a adiar o inevitável.

— Como é que sabia? — disse ela com o rosto molhado, enquanto estendia a mão para a caixa de lenços de papel na mesa dele. Não o viu fazer uma careta. Provavelmente, era melhor assim.

— Como é que poderia não saber? — disse ele. Cruzou as mãos sobre a mesa de carvalho, fazendo a sua cadeira Arper Aston ranger, enquanto se acomodava para o que tinha a certeza ir ser um infeliz caso de histeria, ao mesmo tempo que tentava evitar fazer uma careta perante o cheiro a lixívia e limpa-vidros. Um dos funcionários noturnos devia ter entornado alguma coisa no seu escritório, pois o cheiro era forte e enjoativo. Wallace tomou nota mental de enviar um memorando para lembrar a todos que tinha um nariz sensível e que não se podia esperar que trabalhasse nestas condições. Era positivamente bárbaro.

As persianas das janelas do seu escritório estavam fechadas como proteção contra o sol da tarde e o ar condicionado estava ligado no máximo, mantendo-o alerta. Três anos antes, alguém perguntara se poderia mover o regulador até aos vinte e um graus. Ele rira-se. O calor levava à preguiça. Quando uma pessoa estava com frio, continuava a mover-se.

Fora do seu escritório, a empresa funcionava como uma máquina bem lubrificada, atarefada e autossuficiente, sem a necessidade de

contribuições significativas, exatamente como Wallace gostava. Ele não teria chegado tão longe se tivesse de microgerir cada funcionário. Claro, ainda mantinha um olhar atento, pois aqueles que trabalhavam na sua firma sabiam que precisavam de trabalhar como se a sua sobrevivência dependesse disso. Os clientes dele eram as pessoas mais importantes do planeta. Quando dizia «saltem», ele esperava que aqueles que estavam ao alcance da sua voz fizessem exatamente isso, sem fazerem perguntas inconsequentes como «quão alto»?

O que o trouxe de volta a Patricia. A máquina tinha-se partido e, embora ninguém fosse infalível, Wallace precisava de trocar a peça por uma nova. Trabalhara demasiado para deixar tudo falhar agora. O ano passado fora o mais lucrativo da história da empresa. Este ano parecia poder ser ainda melhor. Não importa em que condições o mundo se encontrasse, havia sempre alguém que precisava de ser processado.

Patricia assoou o nariz.

— Pensei que não se importasse.

Ele fitou-a.

— Por que raio pensaria isso?

Patricia ofereceu-lhe um sorriso molhado.

— O senhor não é exatamente esse tipo de pessoa.

Ele empertigou-se. Como é que ela se atrevia a dizer uma coisa daquelas, especialmente ao seu chefe. Ele devia ter percebido há dez anos, quando a entrevistara para o cargo de assistente jurídica, que acabaria por se arrepender. Ela apresentara-se cheia de vivacidade, algo que Wallace acreditara que iria diminuir com o tempo, visto que um escritório de advocacia não era lugar para alegrias. Quão errado estivera.

— Claro que eu…

— É que as coisas têm estado tão *difíceis* ultimamente — disse ela, como se ele não tivesse falado. — Tentei reprimir tudo, mas devia saber que o senhor perceberia logo.

— Exatamente — disse ele, tentando voltar a encarreirar a conversa. Quanto mais depressa resolvesse isto, melhor seria para ambos. Patricia acabaria por o perceber. — Eu percebi logo. Agora, se pudesse…

— E o senhor *importa*-se — disse ela. — Eu sei que sim. Soube assim que me deu um ramo de flores pelo meu aniversário no mês passado.

Foi amável da sua parte. Mesmo que não tivesse nenhum cartão, eu sabia o que o senhor estava a tentar dizer. O senhor aprecia-me. E eu aprecio-o muito, Sr. Price.

Ele não sabia do que raio ela estava a falar. Não lhe tinha dado nada. Devia ter sido a sua assistente administrativa. Ia ter de conversar com ela. Não havia necessidade de flores. Qual era o objetivo? Eram bonitas no início, mas depois morriam, com as folhas e as pétalas a enrolarem-se e a apodrecerem, criando uma sujidade que poderia ter sido evitada se não tivessem sido enviadas sequer. Com isso em mente, ele pegou na sua caneta *Montblanc* ridiculamente cara e escrevinhou uma nota (*IDEIA PARA MEMORANDO: AS PLANTAS SÃO HORRÍVEIS E NINGUÉM AS DEVIA TER*). Sem olhar para cima, disse:

— Eu não estava a tentar…

— O Kyle foi despedido há dois meses — disse ela, e ele demorou mais do que gostaria de admitir para perceber de quem é que ela estava a falar. Kyle era o marido dela. Wallace conhecera-o num evento da empresa. Kyle estava embriagado, obviamente a desfrutar do champanhe que a Moore, Price, Hernandez & Worthington tinha disponibilizado depois de mais outro ano de sucesso. Com o rosto corado, Kyle presenteara a festa com uma história pormenorizada pela qual Wallace não se conseguira interessar, especialmente porque Kyle parecia acreditar que volume e embelezamento eram uma necessidade na narração de histórias.

— Lamento saber disso — disse ele rigidamente, colocando o telefone na mesa. — Mas acho que nos devemos concentrar no assunto em…

— Ele está a ter problemas para encontrar trabalho — disse Patricia, amarfanhando o lenço antes de pegar noutro. Enxugou os olhos, esborratando a maquilhagem. — E não poderia ter acontecido em pior altura. O nosso filho vai casar este verão e temos de pagar metade do casamento. Não sei como vamos conseguir, mas encontraremos uma forma. Encontramos sempre. É só um obstáculo no caminho.

— Parabéns — disse Wallace. Nem sequer sabia que ela tinha filhos. Ele não se interessava pela vida pessoal dos seus funcionários. As crianças eram uma distração, algo que ele nunca apreciara. Levavam

a que os pais, os seus funcionários, pedissem folgas para coisas como recitais e doenças, deixando o trabalho para os outros. E, como o Departamento de Recursos Humanos o aconselhara a não pedir aos seus funcionários que evitassem constituir família («Não lhes pode dizer para comprarem simplesmente um *cão*, Sr. Price!»), ele tinha de lidar com mães e pais que precisavam de tirar uma tarde de folga para ouvir os seus filhos vomitar ou guinchar canções sobre formas e nuvens e outras tolices.

Patricia assoou-se mais uma vez ruidosamente ao seu lenço, um barulho longo e terrivelmente húmido que fez a pele dele arrepiar-se.

— E depois há a nossa filha. Pensei que ela estava sem rumo e que ia acabar a acumular furões, mas, então, a empresa concedeu-lhe gentilmente uma bolsa de estudos e ela encontrou finalmente o caminho. Um curso de gestão, imagine. Não é maravilhoso?

Ele semicerrou os olhos para ela. Ia ter de falar com os sócios. Não sabia que ofereciam bolsas de estudo. Doavam para instituições de caridade, sim, mas os incentivos fiscais mais do que o compensavam. Ele não sabia que tipo de retorno teriam por doarem dinheiro para algo tão ridículo como uma faculdade de *gestão*, mesmo que isso também pudesse ser deduzido. A filha iria provavelmente querer fazer algo estúpido, como abrir um restaurante ou iniciar uma organização sem fins lucrativos.

— Acho que a Patricia e eu temos uma definição diferente de maravilhoso.

Ela assentiu, mas ele não achou que ela o estivesse a ouvir.

— Este trabalho é muito importante para mim, agora mais do que nunca. As pessoas aqui são como uma família. Apoiamo-nos todos uns aos outros e não sei como teria chegado tão longe sem eles. E, depois, o senhor pressentir que algo estava errado e pedir-me que viesse aqui para eu poder desabafar significa mais para mim do que alguma vez poderá saber. Não me interessa o que os outros dizem, Sr. Price. O senhor é um bom homem.

O que é que *aquilo* queria dizer?

— O que é que as pessoas andam a dizer sobre mim?

Ela empalideceu.

— Ah, nada de mau. O senhor sabe como é. O senhor começou esta empresa. O seu nome está no papel timbrado. Isso é… intimidante.

Wallace relaxou. Sentiu-se melhor.

— Sim, bem, suponho que isso seja…

— Quero dizer, *sim*, as pessoas dizem que o senhor pode ser frio e calculista e, se as coisas não são feitas logo quando quer, o senhor eleva a sua voz a níveis assustadores, mas eles não o veem como eu. Eu sei que isso é uma fachada para o homem atencioso que existe por baixo desses seus fatos caros.

— Uma fachada — repetiu ele, embora ficasse satisfeito por ela admirar o seu bom gosto. Os seus fatos *eram* luxuosos. Apenas o melhor, afinal. Era por isso que parte do pacote de boas-vindas, entregue àqueles que eram novos na empresa, indicava, em parágrafos pormenorizados, qual era o traje aceitável. Embora ele não exigisse boas marcas para todos (especialmente, porque conseguia simpatizar com as dívidas estudantis), se alguém usasse algo obviamente comprado numa prateleira de descontos, essa pessoa iria ouvir um sermão severo sobre ter orgulho na sua aparência.

— O senhor é duro por fora, mas por dentro é um doce — disse ela.

Ele nunca ficara tão ofendido na sua vida.

— Sra. Ryan…

— Patricia, por favor. Já lhe disse isso muitas vezes.

Era verdade.

— Sra. Ryan — disse ele com firmeza. — Embora aprecie o seu entusiasmo, acredito que temos outros assuntos para discutir.

— Certo — disse ela apressadamente. — Claro. Eu sei que o senhor não gosta quando as pessoas o elogiam. Prometo que não volta a acontecer. Afinal, não estamos aqui para falar de si.

Ele ficou aliviado.

— Exatamente.

O lábio dela tremeu.

— Estamos aqui para falar sobre mim e sobre como as coisas se têm tornado difíceis ultimamente. Foi por isso que o senhor me chamou, depois de me encontrar a chorar no armário do economato.

Ele pensara que ela estava a fazer o inventário e que o pó tinha afetado as suas alergias.

— Acho que precisamos de nos voltar a concentrar…

— O Kyle não me toca — sussurrou ela. — Já se passaram anos desde que senti as mãos dele em cima de mim. Disse a mim mesma que isso acontece quando um casal está junto há muito tempo, mas não posso deixar de pensar se haverá mais alguma coisa.

Ele encolheu-se.

— Não sei se isso é apropriado, especialmente quando a senhora…

— Eu *sei*! — exclamou ela. — Quão inapropriado é que ele pode ser? Eu sei que tenho trabalhado setenta horas por semana, mas será pedir demais ao meu marido que cumpra os seus deveres matrimoniais? Estava nos nossos *votos*.

Devia ter sido um casamento horrível. Provavelmente, fizeram o copo d'água num Holiday Inn. Não, pior. Num Holiday Inn *Express*. Ele estremeceu com o pensamento. Não tinha dúvidas de que houvera *karaoke* envolvido. Do que se lembrava de Kyle (que era muito pouco), ele cantara provavelmente um *medley* de Journey e Whitesnake enquanto emborcava aquilo a que chamava carinhosamente uma jola.

— Mas não me importo com as horas extras — continuou ela. — Faz parte do trabalho. Eu sabia disso quando o senhor me contratou.

Ah! Uma abertura!

— Falando em contratação…

— A minha filha perfurou o nariz — disse Patricia com desamparo. — Parece um touro. A minha menina, a desejar que um toureiro a persiga e espete coisas nela.

— Jesus Cristo — murmurou Wallace, esfregando o rosto com a mão. Ele não tinha tempo para aquilo. Tinha uma reunião dali a meia hora para a qual precisava de se preparar.

— Eu sei! — exclamou Patricia. — O Kyle disse que faz parte do crescimento. Que temos de a deixar abrir as asas e cometer os seus próprios erros. Eu não sabia que isso significava que ela ia enfiar o raio de um *anel* no nariz! E nem me fale sobre o meu filho.

— Está bem — disse Wallace. — Não vou falar.

— Ele quer que o Applebee's forneça a comida para o casamento! O *Applebee's*.

Wallace ficou boquiaberto de horror. Não sabia que um péssimo planeamento de casamentos era genético.

Patricia assentiu furiosamente.

— Como se o pudéssemos pagar. O dinheiro não cresce nas árvores! Fizemos o possível para incutir nos nossos filhos alguma compreensão financeira, mas quando somos jovens nem sempre temos uma noção do que isso é. E, agora que a futura mulher dele está grávida, ele quer a nossa ajuda. — Ela suspirou dramaticamente. — A única razão pela qual me consigo levantar de manhã é por saber que posso vir para aqui e… escapar de tudo.

Ele sentiu uma reviravolta estranha no peito. Esfregou o esterno. Provavelmente, era azia. Devia ter evitado o chili.

— Ainda bem que podemos ser um refúgio para a sua existência, mas não foi por isso que a chamei para esta reunião.

Ela fungou.

— Oh? — Ela sorriu novamente. Com mais intensidade desta vez. — Então o que é, Sr. Price?

— A senhora está despedida — disse ele.

Ela pestanejou.

Ele esperou. Com certeza, ela iria agora perceber e ele poderia voltar ao trabalho.

Ela olhou em volta, com um sorriso confuso no rosto.

— É um daqueles *reality shows*? — Ela riu-se numa sombra da sua antiga exuberância que ele pensava ter sido banida há muito tempo. — Estão a filmar-me? Vai aparecer alguém a gritar *surpresa*? Como é que se chama o programa? *Está Despedido, Mas Afinal Não*?

— Duvido muito — disse Wallace. — Não dei autorização para ser filmado. — Ele olhou para a mala no colo dela. — *Ou* gravado.

O sorriso dela desvaneceu-se ligeiramente.

— Então, não percebo. Que quer dizer?

— Não sei como o deixar mais claro, Sra. Ryan. De hoje em diante, a senhora já não é funcionária da Moore, Price, Hernandez & Worthington. Quando sair daqui, a segurança irá permitir que recolha

os seus pertences e depois será escoltada para fora do edifício. Os Recursos Humanos entrarão em contacto consigo em breve relativamente a qualquer documentação final, caso precise de se inscrever… hã, como é que se chama? — Ele folheou os papéis sobre a mesa. — Ah, sim. Subsídio de desemprego. Porque, aparentemente, mesmo que esteja desempregada, ainda pode sugar na teta do estado sob a forma do dinheiro dos meus impostos. — Ele abanou a sua cabeça. — Portanto, de certa forma, é como se eu ainda lhe estivesse a pagar. Só que não tanto. Ou como se trabalhasse aqui. Porque já não trabalha.

Ela já não estava a sorrir.

— Eu… o *quê*?

— Está despedida — disse ele devagar. Não sabia o que era tão difícil para ela compreender.

— Porquê? — quis ela saber.

Agora já estavam a falar melhor. O *porquê* das coisas era a especialidade de Wallace. Nada mais do que os factos.

— Por causa do documento *amicus* no caso Cortaro. A senhora entregou-o duas horas depois do prazo. A única razão pela qual foi aceite foi porque o juiz Smith me devia um favor e, mesmo *assim*, quase não funcionou. Tive de o recordar de que o tinha visto com a ama dos filhos, a qual se tornou depois sua amante, no… Não interessa. A senhora poderia ter custado milhares de dólares à firma e isso nem sequer inclui os danos que teria causado ao nosso cliente. Esse tipo de erros não é tolerado. Agradeço os seus anos de dedicação à Moore, Price, Hernandez & Worthington, mas receio que os seus serviços já não sejam necessários.

Ela levantou-se abruptamente, fazendo a cadeira raspar no chão de madeira.

— Eu não o entreguei fora de prazo.

— Entregou, sim — disse Wallace calmamente. — Tenho o carimbo com a data e a hora do tribunal aqui, se quiser ver. — Ele bateu com os dedos na pasta que estava em cima da sua mesa.

Os olhos dela semicerraram-se. Pelo menos, já não estava a chorar. Wallace conseguia lidar com a raiva. No seu primeiro dia na faculdade de direito, fora-lhe dito que os advogados, embora fossem uma

necessidade numa sociedade em funcionamento, seriam sempre o ponto focal da ira.

— Mesmo que eu o tenha entregado atrasado, nunca fiz nada de semelhante antes. Foi apenas uma vez.

— E pode ficar descansada sabendo que não voltará a fazer nada de parecido novamente — disse Wallace. — Porque já não trabalha aqui.

— Mas… mas o meu *marido*. E o meu *filho*. E a minha *filha*!

— Certo — disse Wallace. — Ainda bem que falou nisso. Obviamente, se a sua filha estava a receber algum tipo de bolsa de estudos nossa, ela irá agora ser rescindida. — Ele premiu um botão no telefone da sua secretária. — Shirley? Pode avisar os RH de que a filha da Sra. Ryan já não tem uma bolsa de estudos através de nós? Não sei o que isso implica, mas tenho a certeza de que eles têm algum formulário que vai precisar de ser preenchido e assinado. Trate disso imediatamente.

A voz da assistente estalou pelo altifalante.

— Sim, Sr. Price.

Ele olhou para a sua antiga assistente jurídica.

— Pronto. Vê? Tudo tratado. Agora, antes de ir, peço que se recorde de que somos profissionais. Não há necessidade de gritar, ou de atirar coisas ou de fazer ameaças que serão, sem dúvida, consideradas crime. E, por favor, quando limpar a sua mesa certifique-se de que não leva nada que pertença à empresa. A sua substituta começará na segunda-feira e eu detestaria pensar que ela poderia sentir falta do agrafador ou do dispensador de fita-cola. Quaisquer bugigangas que tenha juntado são suas, é claro. — Ele pegou na bola antisstresse que estava na sua mesa com o logótipo da empresa. — Estas são maravilhosas, não são? Acho que me lembro de ter recebido uma para comemorar os seus sete anos na empresa. Leve-a com a minha bênção. Tenho a sensação de que será útil.

— O senhor está a falar a sério — sussurrou ela.

— Completamente — disse ele. — Agora, se me der licença, eu tenho de…

— Seu… seu… seu *monstro*! — gritou ela. — Exijo um pedido de desculpa!

Claro que exigia.

— Um pedido de desculpa implicaria que fiz alguma coisa de errado. Não fiz. Na verdade, a senhora é que me deveria pedir desculpa.

O guincho de resposta dela não continha um pedido de desculpa.

Wallace manteve a calma enquanto premia novamente o botão do telefone.

— Shirley? Os seguranças já chegaram?

— Sim, Sr. Price.

— Ótimo. Mande-os entrar antes que me atirem algo à cabeça.

A última vez que Wallace Price viu Patricia Ryan foi quando um homem grande chamado Geraldo a arrastou, a gritar e a dar pontapés, aparentemente ignorando o aviso de Wallace sobre ameaças criminosas. Ele ficou relutantemente impressionado com a dedicação da Sra. Ryan em lhe querer enfiar aquilo a que ela chamava *atiçador de lareira* pela garganta abaixo até que — nas palavras dela — ele lhe perfurasse as regiões inferiores e lhe causasse extrema agonia.

— A senhora vai ficar bem! — exclamou ele da porta do seu escritório, sabendo que todo o andar estava a ouvir. Queria ter a certeza de que eles sabiam que ele se importava. — Uma porta fecha-se, uma janela abre-se e tudo isso.

As portas do elevador fecharam-se, interrompendo a indignação dela.

— Ah — disse Wallace. — Assim está melhor. Todos de volta ao trabalho. Só porque é sexta-feira não significa que podem relaxar.

Todos começaram de imediato a mover-se.

Perfeito. A máquina funcionava suavemente mais uma vez.

Ele voltou para o seu escritório, fechando a porta atrás de si.

Pensou em Patricia apenas mais uma vez naquela tarde, quando recebeu um *e-mail* da responsável pelos Recursos Humanos a avisar que iria tratar da bolsa. Aquela pontada no peito voltou, mas estava tudo bem. Compraria um antiácido a caminho de casa. Wallace não pensou mais nisso — nem em Patricia Ryan. Sempre em frente, disse a si mesmo enquanto movia o *e-mail* para uma pasta marcada com a designação QUEIXAS DE FUNCIONÁRIOS.

Sempre em frente.

Sentia-se melhor. Pelo menos, havia silêncio agora.

Na próxima semana, a sua nova assistente jurídica iria começar e ele garantiria que ela soubesse que ele não tolerava erros. Era melhor provocar medo logo no início, em vez de lidar com a incompetência no futuro.

Não chegou a ter essa oportunidade.

Em vez disso, dois dias depois, Wallace Price morreu.